



Editorial

HISTÓRIAS DAS ARTES CÊNICAS NO BRASIL: narrativas em descentralização, trajetórias plurais

Editorial

**Fabricio Goulart Moser
João Bernardo Fernandes Caldeira
Juliana de Lima Birchall
Mileni Vanalli Roéfero**

A difusão dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Artes Cênicas nos diversos Estados que compõem as regiões geográficas do Brasil, no início do século XXI, fortaleceu o campo dos estudos da cena brasileira, provocou em seus contornos conceituais, temporais e espaciais uma série de descentralizações e fez emergir um movimento teórico pluralizado de releituras da sua história no país. Desde o século XX, o teatro, o circo, a dança e a performance se tornaram no Brasil objetos de estudos históricos localizados, cada vez mais pesquisadores seguem trabalhando em diferentes pontos do país sobre os registros e documentos de tais práticas no passado e escrevem narrativas conectadas sobre os diversos caminhos percorridos pelas produções artísticas brasileiras. Para multiplicar olhares descentralizados sobre o tema e expandir a compreensão da história das Artes Cênicas no Brasil é urgente desconstruir hierarquizações e generalizações arraigadas à sua historiografia, como aquelas assentadas sobre gêneros teatrais e áreas temáticas ou as que permanecem ignorando aspectos territoriais e apagando, neste contexto, a produção de grupo étnicos e das identidades de gênero.

Diante deste cenário continuado de expansão da pesquisa acadêmica sobre a trajetória das Artes Cênicas no Brasil, em 2021, a *Revista Aspas* decidiu contribuir com esses movimentos teóricos de revisão publicando dois números sobre o tema. Com o título “Histórias das Artes Cênicas no Brasil: narrativas em descentralização, trajetórias plurais”, o corpo editorial recebeu investigações dedicadas ao teatro, circo, dança e performance que materializam narrativas originais e produzem visões múltiplas e diversificadas sobre o passado da cena em todo o território brasileiro. Os artigos reunidos sobre esse prisma analisam fenômenos e eventos que descentralizam a historiografia da cena brasileira, desconstróem posições verticais de poder e, desse modo, produzem conexões mais horizontais e produtivas entre a cena, seus agentes e protagonistas em diferentes espaços e tempos históricos espalhados por todo o território do país.

O grupo de artigos reunidos pela *Revista Aspas* com este propósito foi organizado em dois grupos que, conjuntamente, esboçam uma cartografia das Histórias das Artes Cênicas no Brasil: um mapa em perspectiva descentralizada dos últimos duzentos anos da cena brasileira que aborda a produção de diferentes linguagens em pontos estratégicos localizados dentro das cinco regiões brasileiras.

O número de textos reunidos nesta perspectiva, investigações predominantemente sobre o teatro e em menor número sobre o circo, a performance e a dança, foi disposto em cada edição sob uma perspectiva cronológica, uma estratégia editorial adotada de forma a considerar, de maneira horizontal, diversa e plural, as múltiplas posições das linguagens da cena. Desse modo, no plano geral dos dois números, buscamos vislumbrar o convívio não só de diferentes práticas, mas também de diferentes temporalidades e territorialidades na cena brasileira.

Nesta segunda edição de 2021, a *Revista Aspas* apresenta uma série de textos que conectam temas, personagens e eventos da cena artística brasileira nos séculos XIX e XX, percorrendo a sua produção em diferentes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Fortaleza, Gurupi e Macapá, e seus impactos no país. Temas como a recepção dos espetáculos na capital do Brasil de Machado de Assis a partir da metade do século XIX, o papel das companhias na construção do teatro moderno na metade do século XX, a relação entre texto e cena na capital paulista dos anos 1960, a constituição da cena teatral em Tocantins (então Goiás) nos anos 1980, a produção teatral de artistas e coletivos negros em Minas Gerais na virada do século XXI, o enfoque em epistemologias afro-ameríndias no curso superior no Amapá e a mulher artista brasileira na construção da cena porto-alegrense do período dão a tônica do mapeamento historiográfico empenhado nesta segunda edição.

No artigo “Um olhar para o circo, o teatro e os espetáculos de variedades guiado pela pena de Machado de Assis”, Daniel de Carvalho Lopes e Erminia Silva apresentam uma cidade do Rio de Janeiro que, na segunda metade do século XIX, é povoada por apresentações teatrais, circenses e de espetáculos de variedades. Por meio da diversidade de textos produzidos por Machado de Assis, como críticas e crônicas, os autores revelam as posturas e as preferências desse importante escritor e crítico teatral com relação ao circo e aos demais divertimentos do período, bem como as movimentações da cena artística e a efervescência cultural na capital do Brasil oitocentista.

O teatro dessa efervescente capital é, a partir da metade do século passado, o ponto de partida de “Teatro Copacabana: o comércio elegante na cena de Henriette Morineau”, artigo apresentado por Daniel Schenker. Como mostra o

autor, a partir de textos de pesquisadores da historiografia teatral brasileira e de depoimentos dos artistas que acompanharam este movimento, é em meio a esse contexto que a companhia Os Artistas Unidos, chefiada pela atriz Henriette Morineau, ocupa o Teatro Copacabana por mais de uma década e desempenha um importante papel na transição e nos rumos do teatro moderno carioca e brasileiro.

No artigo “A hora de *Quatro Quadras de Terra*: por uma leitura a partir dos pressupostos do teatro épico”, Beatriz Yoshida Protazio coloca em quadro uma peça escrita em 1963 pelo dramaturgo paulista Oduvaldo Vianna Filho. Desenvolvido sob o prisma do materialismo dialético, o estudo procura estabelecer uma relação dialógica entre os contextos de produção e de circulação da peça *Quatro Quadras de Terra* e o objeto literário em si.

Em “José Carlos Matos: articulações políticas e engajamento artístico no teatro amador cearense (1972-1982)”, Thaís Paz de Oliveira Moreira apresenta uma importante figura do teatro no nordeste do país, seu poder de articulação política e engajamento artístico local e nacional, durante a ditadura civil-militar brasileira. Através de depoimentos e de outros textos sobre o teatro brasileiro, a autora apresenta as motivações para o estudo sobre José Carlos Matos, introduz sua trajetória, comenta sua atividade teatral entre 1972 e 1982, ano de seu falecimento e situa sua identidade a partir de seu capital político, intelectual e artístico, e de sua contribuição para futuras políticas públicas culturais no Ceará.

Em “Um pedaço no meio do mundo: travessias do Teatro no Tocantins”, Adailson Costa dos Santos levanta uma vasta lista de nomes que passaram pelo Projeto Timbá, circuito artístico que levou dezenas de grupos a cidades do então norte de Goiás, desde antes da criação do Estado do Tocantins. Por perceber uma lacuna de materiais e referências, o autor apresenta uma pesquisa em andamento, na qual levanta registros acerca da existência de grupos e apresentações teatrais, especialmente no município de Gurupi, na década de 1980.

Em “Teatro Negro em Belo Horizonte: Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras e outros aquilombamentos”, Júlia Tizumba traça um panorama da cena negra no Brasil do século passado destacando influências e reverberações na capital mineira. Desse modo, a autora evidencia a escassez de estudos sobre a temática negra no teatro brasileiro a partir de uma revisão bibliográfica e

videográfica, de entrevistas e estudo documental, e apresenta artistas, coletivos e pensadores belorizontinos desse movimento, com destaque para a trajetória de Maurício Tizumba, importante artista cênico e musical, e do Coletivo Negras Autoras, criado nos anos 2000.

A interação entre artistas da cena e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é o tema do artigo “O MST e o Teatro: o processo de criação da peça *A Farsa da Justiça Burguesa*” de Dieymes Pechincha. Sob o contexto da Marcha Nacional Pela Reforma Agrária, realizada pelo MST em 2005, que percorreu 220 220 quilômetros entre Goiânia e Brasília, o pesquisador investiga os processos estéticos e políticos nos quais o grupo Filhos da Mãe, a Companhia do Latão e seu diretor, Sérgio de Carvalho, participam da criação do espetáculo, que envolveu cerca de 70 militantes e encenou o julgamento de um tribunal burguês no caso da ação policial que resultou no Massacre de Eldorado dos Carajás, no qual dezenove sem-terras foram assassinados, em 1996, no Pará.

Em “Mulheres na atuação, encenação e iluminação: rupturas nas dinâmicas do modelo patriarcal”, Lassanã Martins destaca os percursos de mulheres artistas no cenário teatral porto-alegrense. No artigo, a autora reflete sobre o apagamento do papel das mulheres na história do teatro brasileiro e mundial, principalmente em posições de liderança ou em funções tradicionalmente atribuídas aos homens, e apresenta atrizes, iluminadoras e encenadores que contribuíram (e contribuem) para o cenário artístico da capital do Rio Grande do Sul.

No artigo “Um giro por epistemologias afro-ameríndias e inclusivas: Relato de Experiência do Curso de Teatro da Unifap” Adélia Aparecida da Silva Carvalho e Emerson de Paula relatam, a partir da experiência obtida no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, a importância da discussão sobre inclusão e do recorte afro-ameríndio nas narrativas sobre a história do teatro brasileiro. Além disso, o autor e autora contextualizam a expansão da formação em Artes Cênicas no Brasil, tendo como enfoque seus fatos e eventos na região Norte do país.

Esperamos, com estas duas edições, contribuir com a expansão do campo das Histórias das Artes Cênicas no Brasil, produzindo registros em que o teatro, mas também o circo, a dança e a performance sejam representados de maneira plural e descentralizada.